



casadesarmiento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmiento | © Sociedade Martins Sarmiento

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmiento@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

ANTERO DE QUENTAL

Nasceu Antero Tarquino de Quental na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, aos 18 de Abril de 1812 (Termo de nascimento, *In Memoriam*, 2, app. pág. XCI).

Foi sua mãe D. Ana Guilhermina da Maia, senhora que de fanática roçava na teomania (Souza Martins, *Nosographia d'Anthero*, *In Memoriam*, pág. 241), e seu pai um dos 7:500 do Mindelo, democrata de tam rija ténpera que mandou picar a pedra de armas de sua casa (Carolina Michaëlis, *Anthero e a Allemanha*, *In Memoriam*, pág. 387), Fernando de Quental da Câmara, filho de André da Ponte de Quental da Câmara.

Diga-se de passagem que este André da Ponte foi companheiro de Bocage e seu grande amigo (Entre outros, Julio de Castilho, *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero de Quental*, pág. 24, Teófilo Braga *Vida de Bocage e sua epocha litteraria* e quasi todos os colaboradores do *In Memoriam*).

Juntos estiveram presos, porque a intendência de policia não soube descriminar (Visconde de Faria e Maya, *Recordações de familia*, *In Memoriam*, pág. 370) a quem pertenciam as Verdades duras mais conhecidas por «Pavorosa illusão» (Camillo, *Curso de litteratura*, 2.º vol., pág. 25), cuja paternidade ambos se arrogavam para naturalmente se salvarem.

No Limoeiro escrevia Bocage ao amigo:

Os vindouros mortaes irão piedosos
Ler-nos na triste campá a historia triste
Darão flores ó PONTE ás lyras nossas
Pranto a nossos desastres.

e noutro relanço:

Inda serão talvez na longa historia
Dois nomes immortaes, Bocage e PONTE.

André da Ponte por volta dos 50 anos tornou-se misantropo, intratável e deixou de sair (Souza Martins, *Nosographia d'Anthero*, *In Memoriam*, pág. 240). Todavia em 1842 achámo-lo representando por procuração seu filho Filipe no baptizado do neto (Termo de Nascimento, *In Memoriam*, 2.º app., pág. XCII). Morreu pouco depois em 14 de Abril de 1845 (Ernesto do Canto, *Esboço Genealogico*, *In Memoriam*, pág. XII) não sem ter feito queimar todos os manuscritos por seu filho Fernando.

Não foi este o único membro da familia de Antero dado ás letras, pois que a ela pertenceu o Padre Bartolomeu de Quental, fundador da congregação do Oratorio em Portugal e autor de várias obras místicas que podem ver-se em Barbosa Machado (*Bibliotheca Lusitana*) e em Inocência da Silva (*Diccionario bibliographico portuguez*, vol. I, pág. 336).

O jovem Antero vindo para o continente recebeu lições no colégio do Pórtico que o Visconde de Castilho dirigia. A familia de Antero era das relações de Castilho desde a estada d'este em S. Miguel (Theophilo Braga, *As modernas ideias na litteratura portugueza*, 2.º vol., pág. 129). Quando foi da Questão Coimbrã, dizia Julio de Castilho que Antero fôra o seu primeiro amigo (Julio de Castilho, *O sr. Antonio F. de Castilho e o sr. Anthero de Quental*, pág. 5).

Em 1856 entrou como interno no Colégio de S. Bento, aos Arcos do Jardim Botânico.

Em 1858 matriculou-se na faculdade de Direito (Entre outros Alberto Sampaio, *Recordações*, *In Memoriam*, pág. 10). Já então escrevera a primeira poesia que muito tempo esteve nas mãos de Andrade e Albuquerque, e se perdeu depois (Andrade e Albuquerque, *Em lembrança d'Anthero*, *In Memoriam*, pág. 73 a 74).

Em 1859 indo passar as férias grandes na Ilha, Antero levava em escorço a poesia «A senda do Calvario» mais tarde impressa depois de refundida no

Academico (Andrade e Albuquerque, Em lembrança d'Anthero, *In Memoriam*, pág. 74) e arquivada depois por Teófilo Braga, num volume póstumo.

Como se depreende da leitura e categoricamente o afirma Andrade e Albuquerque (loco cit.) e o próprio autor (*Thesouro poetico da infancia*), estes versos foram inspirados pela ode de Alexandre Herculano — A Deus —.

Em 1860, projectando fazer uma colectânea de versos, escreveu os hendecassilabos:

Raios d'extincta luz, echos perdidos...

cujo primeiro hemistiquio serviu a Teófilo Braga para titulo do volume que coordenou.

Em 1860 apareceram, editados por Stenio, 21 sonetos com o titulo de «Sonetos d'Anthero», um retrato do poeta em verso e uma carta a João de Deus sobre a forma de soneto (Joaquim d'Araujo, Bibliographia Antheriana, *In Memoriam*, pág. I).

Antero estreava-se assim na forma em que mais tarde havia de ser desigualável. Chamava-o para esse molde, não a imitação dos sonetos de João de Deus, mas, como elle próprio confessou em carta a D. Carolina Micaëlis, a influência dos de Camões, únicos que então conhecia (D. Carolina Michaëlis, Anthero e a Allemanha, *In Memoriam*, pág. 390).

Em 22 de Outubro de 1862, visitando Coimbra o principe Humberto, foi Antero encarregado de redigir e ler-lhes a mensagem de boas-vindas (João Machado de Faria e Maya, Memorias, *In Memoriam*, pág. 151).

Nesse curioso documento, publicado no «Conimbricense» e reproduzido por Joaquim de Araujo (*In Memoriam*, 2.º ap., pág. XXXII), se diz que não saíam os estudantes o representante da casa de Saboia, mas o filho de Vitor Manuel, amigo de Garibaldi.

Poucos dias passados, em 8 de Dezembro, no momento em que o reitor Basilio Alberto de Sousa Pinto, se erguia na distribuição de prémios, após o decano de Medicina, (Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea*, pág. 267) para pronunciar o seu discurso, todos os estudantes, soltando vivas à liberdade e à independência da Academia aban-

donaram de roldão a sala dos Capelos (Idem, idem).

Ora estas duas manifestações, como a que havia sido feita a Bernardo de Albuquerque, dimanaram da *Sociedade do Raio*.

Coimbra naquele tempo differia bem da Coimbra de hoje, modorrenta e insulsa, erguendo-se apenas para receber a pontapés os companheiros futuros. Então os espiritos não tinham adquirido ainda a curvatura cifótica que agora nos traz perpetuamente vergados diante do senhor Reitor, dos senhores mestres e até dos archeiros e bedéis.

As revoluções andavam ainda na lembrança de todos e a tradição do batalhão académico que se bateu nas linhas não havia ainda sido olvidada, nem se esquecera a Sociedade dos Divodignos que assassinou dois lentes no Cartaxinho, próximo a Condeixa.

Quanto Antero chegou a Coimbra, os regulamentos universitários andavam bem carecidos de reforma, como o prova a portaria de 29 de Novembro de 1859 dirigida ao reitor Basilio (Soriano, *Revelações da minha vida*, pág. 191) que o era já, por carta régia de 26 de Agosto dêsse mesmo ano, (Idem, pág. 216).

A necessidade aumentou, porém, quando o mesmo Reitor com a sua intransigência de homem de 20 e o seu catonismo de *fantasma do passado* começou exigindo a exacta observância dêsse caducos estatutos, chegando até a afixar um edital em que se ordenava que as batinas fôsssem cosidas na frente e se vestissem pela cabeça (Theophilo Braga, *As modernas ideias na litteratura portugueza*, pág. 122).

A luta entre elementos tam antagónicos era inevitável e rebentou logo no ano lectivo de 60 a 61 (Martins de Carvalho, *Apontamentos para a historia contemporanea*, pág. 263).

Em Abril de 61 foi fundada a sociedade secreta do Raio, sendo a sua direcção entregue a um conselho de cinco membros, além dos quais havia os chefes de secção que aliciavam sócios e únicos que se achavam em relação immediata com a direcção. As reuniões magnas e iniciações celebravam-se de noite, em sitios ermos como o pinhal situado por trás do cemitério de Santo António dos Olivais, o vale onde está a capela do Espirito Santo, a escavação que há entre o cemitério

novo da Conchada e o cemitério velho, o salgueiral do Mondego e, próximo à estrada de Santa Clara, no sítio do Vale do Inferno, (Martins de Carvalho, *Apontamentos*, etc., pág. 264).

Os iniciados prestavam juramento de guardar inviolável segredo em tudo o que se relacionasse com a sociedade, de obedecer às ordens do conselho director transmitidas pelo seu chefe, de empregar todos os seus meios físicos, morais e pecuniários para a realização do fim da sociedade.

A sociedade do Raio, após a demissão do Reitor, que recebeu em troca o título de Visconde de S. Jerónimo, degenerou em loja maçónica de que foi venerável o dr. José da Cunha Sampaio, então estudante do 3.º ano, (Martins de Carvalho, *Apontamentos*, etc., pág. 266) e D. Leite de Castro, O nosso primeiro presidente, in *Revista de Guimarães*, vol. XVII, pág. 8).

O espirito irrequeto do grande poeta achou-se naturalmente envolvido em todas estas lutas e foi Antero encarregado de escrever o *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra á opinião illustrada do Paiz* (Entre muitos Theophilo Braga, *As modernas ideias*, etc., pág. 122), *porque já elle alem da melhor ideia da Academia era o seu melhor verbo* (Eça de Queiroz).

Em 1863 publica a «Beatrice» e o «Fiat Lux» (Joaquim d'Araújo, *Bibliographia Antheriana*, in *Memoriam*, pág. II), escrito no Bussaco em Outubro desse ano (Alberto Sampaio, *Recordações*, in *Memoriam*, pág. 12).

Em Dezembro vai a Lisboa procurar para as «Odes Modernas», já então completas, um editor que não encontra (Idem, pág. 13). Visita Herculano na sua casa da Ajuda, (Idem, idem) e é recebido cordalmente por Castilho num dos sarausinhos de Tibur (Julio de Castilho, *O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero de Quental*, pág. 21). Vem ao Porto por mar e recolhe a Coimbra sem ter encontrado quem lhe imprima o livro (Alberto Sampaio, *Recordações*, in *Memoriam*, pág. 14).

Em 1864 os estudantes, em virtude da viagem régia ao norte, pretendiam perdão de acto que lhe foi negado pelo duque de Loulé. Produziram-se motins.

Antero e João Machado de Faria e Maia que se achavam no Bussaco vieram apressadamente a Coimbra onde os irritaram as aclamações da Academia a soldados que esta na véspera apedrejara quando em menor número.

Para castigar tal cobardia Antero imaginou logo uma partida monstruosa, nem mais nem menos do que levar para o Porto toda a Academia, e propô-lo na reunião efectuada no Teatro, enquanto três ou quatro adeptos faziam aos cantos da sala um barulho ensurdecedor de aplausos.

A ideia foi bem recebida e a voz de Teófilo Braga que protestava abafada pelos brados de entusiasmo (João Machado de Faria e Maya, *Memorias*, in *Memoriam*, pág. 154) e lá partiram todos entre archotes ganhando a Marselhesa (Eça de Queiroz, Um genio que era um santo, in *Memoriam*, pág. 490).

Antero indigitado como chefe de um movimento que não encarara a sério, viu-se bem castigado, tendo de escrever manifestos para que não achava ideias, aconselhando o regresso a Coimbra. Voltou tam irritado que declarou esbofetear quem lhe falasse no incidente (João Machado de Faria e Maya, *Memorias*, in *Memoriam*, pág. 155).

No seguinte ano de 1865 publicou a *Dezeza da Carta Encyclica de S. Santidade Pio IX contra a chamada Opinião liberal* e a sua custa as «Odes modernas» para que não achara editor.

Em Novembro iniciou a peleja que ficou célebre sob o nome de *Questão coimbrã*, (Alberto Sampaio, in *Memoriam*, pág. 16), com a carta *Bom senso e bom gosto*, dirigida a Castilho.

Travou-se renhida peleja e a bibliografia desta polémica, que pode ver-se em Teófilo Braga (*Modernas ideias*, pág. 179 e seg. do II vol.) e em Joaquim de Araújo (*In Memoriam*, 2.º ap., pág. X e seg.), comporta perto de cinquenta números.

Antero, que muitas vezes se revelou singularmente caridoso, logo em Dezembro publicou novo folheto *Dignidade das lettras e litteraturas officiaes* (Alberto Sampaio, *Recordações*, in *Memoriam*, pág. 14), tirando à questão todo o carácter de pessoalidade e atenuando um tanto as violências do primeiro escrito. Este folheto nasceu em parte de palavras que João de Deus, en-

tão no Algarve, escreveu a Antero (Joaquim d'Araujo, Bibliographia Antheriana, *In Memoriam*, pág. XV).

O estudo que a Antero dedicou Teófilo Braga nas *Modernas ideias* ressentia-se de preocupações pessoais e é uma delas demonstrar que o poeta foi levado à questão por êle Teófilo. Ignoramos se é esta a verdade. Achamos o facto confirmado por João Machado Faria e Maia (Memorias, *In Memoriam*, pág. 160) para poder por sua vez afirmar que inspirou a Antero a *Dejeza da Carta Encyclica*, e por mais ninguém.

Não nos é lícito duvidar das palavras do autor da «Historia de Litteratura», mas é-nos permitido duvidar da sinceridade de quem escreveu:

«O discurso sobre as *Causas da decadencia dos povos peninsulares* é um quadro de historia vaga e incoherente porque lhe faltava a base essencial, a comprehensão da marcha geral da Civilização da Europa desde o fim da Edade-media até á Revolução franceza.» — (Theophilo Braga, *Modernas Ideias*, pág. 191).

depois de ter escrito:

«Sobre este ponto nada ha mais eloquente do que as *Causas da decadencia dos povos peninsulares* do sr. A. de Quental, o homem que melhor escreve a lingua portugueza e que relanceou a nossa historia da mesma altura a que Edgar Quinet pensou a philosophia da Historia de França.» — (Theophilo Braga, *Epopéias da raça mosarabe*, apud *In Memoriam*, pág. 158).

e de quem escreveu mais:

«A Carta *Bom senso e bom gosto*, é uma declaração emphatica de um espirito arrebatado por ideias mal defendidas, que tomam o aspecto pittoresco de entidades nominaes.» — (Theophilo Braga, *Modernas Ideias*, pág. 191).

tendo escrito também:

«Ao lerem-se as paginas d'este protesto *Bom senso e bom gosto* que ha de vir a ser um capitulo da historia da litteratura contemporanea, sente-se vibrar em cada palavra um sentimento illimitado de justiça como a sabem sentir os corações novos ou os homens que teem soffrido, victimas da preversidade dos outros.» — (Theophilo Braga, *Theocracias litterarias*, apud *In Memoriam*, pág. 159).

Por causa de referências que lhe eram feitas por Ramalho Ortigão no folheto *Litteratura d'hoje*, manda

Antero desafiá-lo para um duelo que se realizou no Pôrto, nuns campos próximos da Arca de Agua (Theophilo Braga, *Modernas Ideias*, pág. 178).

Antero, a quem repugnava o duelo, quando partiu para o Pôrto, parece que levava o projecto de espancar Ramalho e Camilo, mas encontrando êste, que affectuosamente o abraçou, tolheu-se-lhe metade do plano. Camilo, sabedor dos intentos do poeta, mostrou-lhe que o espancamento não evitava o duelo e convenceu-o a propô-lo (João Machado de Faria e Maya, *Memorias*, *In Memoriam*, págs. 165 e 166).

Foram testemunhas, por parte de Antero, Manuel Duarte de Almeida e Francisco Cardoso Pinto e por parte de Ramalho Ortigão, Custódio José Vieira e Antero Albano da Silveira Pinto.

Em Dezembro dêsse mesmo ano de 1866 Antero partiu para Paris onde se não deu bem e de onde veio em 1867 descansar três meses na quinta de Sant'Ana, perto do Convento da Costa, em Guimarães (Alberto Sampaio, *Recordações*, *In Memoriam*, pág. 18).

Voltando de novo a Paris visitou Michelet, com o pseudónimo de Bettencourt, dizendo-se incumbido pelo autor das *Odes Modernas* de lhe oferecer um exemplar. Leu e traduziu-lhe alguns trechos, recebendo do autor de *L'Oiseau* uma carta para o seu amigo, (Idem, idem, pág. 18).

De 1867 datam as suas relações com Oliveira Martins (João Machado de Faria e Maya, *Memorias*, *In Memoriam*, pág. 170).

Antes do fim do estio dêsse ano foi para S. Miguel de onde só voltou em Novembro de 1868 (Alberto Sampaio, *Recordações*, *In Memoriam*, pág. 19), indo habitar em Lisboa um quarto andar na rua dos Fanqueiros (J. Batalha Reis, *Annos de Lisboa*, *In Memoriam*, pág. 443).

Ligou-se então com José Fontana que lhe publicou o folheto *Portugal perante a revolução d'Hespanha; considerações sobre o futuro da politica portugueza no ponto de vista da democracia iberica*, (João Machado de Faria e Maya, *Recordações*, *In Memoriam*, pág. 160).

Um dia Eça de Queiroz, Manuel de Arriaga e outros trouxeram Antero a casa de Jaime Batalha Reis, que ficava numa esquina entre a rua dos Calafates (do

Diário de Notícias) e a Travessa do Guarda-Mor (do Grémio Lusitano, creio eu), e constituiu-se então o grupo que nas letras portuguesas ficou conhecido pelo nome de *Cenáculo*.

Em discussões de *De omni re scibili* se passaram uns poucos de anos interrompidos apenas pela viagem de Antero aos Estados Unidos em fins de 1869 e princípios de 1870. Do *Cenáculo* nasceram as conferências de Casino e a invenção dos Satânicos do Norte e do tipo de Carlos Fradique Mendes.

A primeira das Conferências de Casino realizou-se a 22 de Maio de 1871 e foi apenas uma explanação do programa por Antero de Quental.

O manifesto que as anunciaria, datado em 6 de Maio e devido também a Antero, tinha as assinaturas de Adolfo Coelho — Antero de Quental — Augusto Soromenho — Augusto Fuschini — Eça de Queiroz — Jaime Batalha Reis — J. P. de Oliveira Martins — Manuel de Arriaga — Salomão Saraga — Teófilo Braga.

A 27 de Maio Antero efectuou a segunda conferência com o discurso sobre as *Causas da decadência dos Povos peninsulares*, a 5 de Junho discursou Augusto Soromenho sobre *Literatura contemporânea*, a 12 Eça de Queiroz sobre o *Realismo da Arte*, a 19 Adolfo Coelho sobre o *Ensino nos estabelecimentos superiores de Portugal*.

Quando se anunciava uma quinta conferência por Salomão Saraga, sobre os *Historiadores críticos de Jesus*, o Marquês de Avila mandou-as encerrar por uma portaria que motivou a sangrenta *Carta ao ex.^{mo} sr. Antonio José d'Avila, Marquez d'Avila, presidente do conselho de ministros* (Teophilo Braga, *Modernas Ideias*, pág. 190).

Entre os opúsculos de Alexandre Herculano há um acerca da supressão das Conferências de Casino, com referências sumamente honrosas para Antero.

As *Causas da decadência dos povos peninsulares* foram publicadas alguns dias depois por José Fontana, em opúsculo reconstruído sobre os apontamentos que serviram para recitar, os extractos publicados nos jornais e as notas de alguns amigos (Theophilo Braga, *As modernas ideias*, pág. 190).

Em 1872 Antero vive no Minho e no Pôrto (Alber-

to Sampaio, Recordações, *In Memoriam*, pág. 23). Em Janeiro publica as *Primaveras Românticas*, onde inclui a *Beatrice* dada à luz em 1863, e em Junho um trabalho que antes saíra em folhetins no «Primeiro de Janeiro» — *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza*.

Em 1873 e principios de 1874 esteve na ilha de S. Miguel (Andrade e Albuquerque, Em lembrança d'Anthero, *In Memoriam*, pág. 77) onde não sei se assistiu à morte do pai sucedida a 7 de Março de 73 (Ernesto do Canto, Esboço Genealogico, *In Memoriam*, pág. XI). Lá o visitou em 1874 Oliveira Martins com quem voltou ao continente (Andrade e Albuquerque, idem, pág. 78).

Já então se lhe manifestara a doença nervosa que tam cruelmente havia de torturá-lo (Carta Autobiographica, in *Raios d'extincta Luz*, pág. XXXIV).

Nevrose hereditária, como o deixou amplamente demonstrado Sousa Martins (Nosographia d'Anthero, *In Memoriam*, págs. 240 e 241) agravada por múltiplos factores como os desregramentos de Coimbra, a convivência com nevropatas, as súbitas dores de alma e o seu modo de alimentação, manifestou-se numa gastroplegia — que resistiu ao tratamento do próprio Charcot, em astenias musculares, que o imobilizavam durante dias, em insónias e numerosas fobias (Sousa Martins, idem, idem).

Em 1875 Antero habita em Lisboa na rua do Tesouro Velho (hoje de António Maria Cardoso) com sua mãe e irmã mais nova (Batalha Reis, Annos de Lisboa, *In Memoriam*, pág. 466) e dirige com Batalha Reis a *Revista Occidental* (Batalha Reis, idem, idem, e Candido de Figueiredo, *Homens e Lettras*, pág. 308).

Em Novembro de 1876 morre-lhe a mãe (Cartas a Oliveira Martins, *In Memoriam*, 3.^o ap., pág. XI) o que no dizer de Oliveira Martins a Sousa Martins foi para o poeta um abalo cruelíssimo (Souza Martins, Nosographia d'Anthero, *In Memoriam*, pág. 255).

Em 1877 vai a Paris consultar Charcot, que lhe aconselha o tratamento hidroterápico (Alberto Sampaio, Recordações, *In Memoriam*, pág. 467) que segue num estabelecimento de Bellevue (Batalha Reis, Annos de Lisboa, *In Memoriam*, pág. 567).

Voltando a Portugal, como sua mãe tinha morrido, foi viver com a irmã, D. Ana Calado, na rua do Passadiço (Batalha Reis, idem, idem, pág. 468).

Em 1880 morrendo repentinamente Germano Vieira de Meireles, toma conta das suas duas filhas.

Em 1882 fixa a sua residência em Vila do Conde (João Machado de Faria e Maya, *Memorias, In Memoriam*, pág. 125).

Em 1886 sai a edição dos seus *Sonetos Completos*, devido ao trabalho de Oliveira Martins e em 1889 a segunda edição aumentada com um apêndice contendo numerosas traduções, entre as quais algumas pertencentes à versão que do livro fez o sábio alemão dr. Wilhelm Storck.

Em 1890 depois do Ultimatum formou-se a *Liga patriótica do norte* de que Antero foi presidente por lembrança e convite de Luís de Magalhães (*In Memoriam*, pág. 132).

Em Junho de 1891 retira para Ponta Delgada (Andrade e Albuquerque, Em lembrança d'Anthero, *In Memoriam*, pág. 81) e finalmente em 11 de Setembro, pelas 8 horas da noite, junto do muro da cerca do convento da Esperança (Andrade e Albuquerque, idem, idem, pág. 86) sob uma legenda que dizia — Esperança — suicidou-se com dois tiros, levando-lhe um parte do nariz e indo o outro alojar-se-lhe no cérebro (Carta de José Bensaúde, apud Souza Martins, *Nesographia d'Anthero, In Memoriam*, pág. 308).

Maior poeta português abaixo de Camões, corpo de maior alma que teve a nossa terra, Antero foi dia a dia, durante longos e torturados anos, anotando cada nova dor e cada novo tormento com um soneto novo.

Bíblia dos desgraçados, dos que sofrem e são escarnecidos por quem ignora que as agonias mais dolorosas vêm da imaginação, o livro dos sonetos é o mais alto monumento que um homem podia erguer com suas próprias mãos.

A glória de Antero contem-se toda, como a sua alma, dentro dessas cento e nove composições que eu sei de cor e a todos os momentos redigo para me livrar das angústias do Tédio, do Pesar, do Desengano e da Ilusão.

As *Primaveras Românticas* e as *Odes Modernas*

são livros de um grande poeta onde vibra o lirismo de uma alma apaixonada ou o entusiasmo de um revolucionário convicto, mas os *Sonetos* são muito mais do que isso, porque são a obra de um grande desgraçado que soube dar forma artística à sua dor.

O meu egoísmo diante de tais maravilhas abençoa as agonias que as geraram e a minha vaidade trocava sem hesitar a vida serêna que levo pela coroa de espinhos do poeta, se com ela me dessem também a sua glória.

No Porto, em 18 e 19 de Abril de 1902.

JOÃO DE MEIRA.